

Gianluca Miraglia

# Um interesse muito forte pela literatura policial

Há um aspecto da obra de Fernando Pessoa, a faceta «policiária», faceta sem dúvida

menor e de maneira alguma comparável à produção poética ou à ficção do *Livro do Desassossego*, que, embora já tenha sido abordado em artigos e livros, continua a carecer de um estudo exhaustivo<sup>1</sup>. Como é sabido, o interesse de Pessoa pela literatura policial «não foi apenas transitório», mas «pode considerar-se também uma dominante do seu espírito»<sup>2</sup>. E, de facto, este interesse despertado na adolescência inglesa de Durban, o poeta não o deixou de alimentar após o regresso a Portugal, tanto que não parece descabido considerá-lo, pelo facto de ser perfeitamente inconcebível num homem de letras português desse período, e não só, como uma daquelas constantes comportamentais e culturais estrangeiradas que, adquiridas na sua vivência britânica, acompanharam o poeta ao longo de toda a sua vida lisboeta. Repare-se, a esse respeito, no caso semelhante de outro grande escritor do nosso século, Jorge Luís Borges, cuja infância sob o signo da cultura inglesa relembra a de Pessoa, também ele fervente leitor e autor de narrativas policiais<sup>3</sup>. Os estudos sobre essa faceta pessoana, embora brilhantes e valiosos, não dão plena luz porque se baseiam numa recolha parcial de textos, facto já sublinhado por A. de Pina Coelho em 1966,<sup>4</sup> e a abordam ou a partir da obra global, considerando-a implicitamente como «um apenso débil à obra, ou a partir do género policial (ou de estudos teóricos sobre este) na sua realidade principalmente anglo-saxónica, abstaindo-a da situação específica portuguesa deste tipo de narrativa na década de 30. A este respeito, o carácter inédito das novelas pessoanas não deve fazer esquecer que foram escritas com a manifesta intenção de as publicar, e não como exercícios de estilo para consumo próprio, sob pena de negligenciar aspectos fundamentais para a compreensão, interpretação, e também avaliação das mesmas. Embora o estado actual da investigação não consinta ainda uma visão global e exaustiva, existem todavia elementos, já conhecidos, que podem permitir novas achegas sobre esta faceta. Em primeiro lugar, é evidente a existência de, pelo menos, duas fases na produção policial pessoana, o que explica a aparente contradição entre a hesitação de Pessoa, em 1935, «se deveria começar por um livro de versos grande (...) ou se deveria abrir com uma novela policiária»,<sup>5</sup> que ainda não tinha completado, e uma frase das *Personal Notes* escritas aproximadamente em 1910, *The decay of the detective story has closed for ever one door I had into modern writing*<sup>6</sup>.

E da primeira fase, que, começada provavelmente no último ano da sua estada na África do Sul se alastra até à data destas *Personal Notes*, há clara referência em H. D. Jennings e em B. Badiáa Baker.<sup>7</sup> Trata-se de uma série de contos (leia-se fragmentos) assinados pelo sub-heterónimo Horace James Faber, que apresentam como protagonista o ex-Sergeant Byng, um detective «que se dá ao invulgar procedimento de distribuir os suspeitos por tipos para encontrar a solução do crime».<sup>8</sup> Também no estudo de Maria Leonor Machado de Sousa sobre a ficção pessoana encontra-

-se uma referência a dois escritos desta fase, nomeadamente *The Case of the Science Master* e *The Case of the Quadratic Equation*, mas a autora, tendo conhecimento unicamente dos títulos, considera-os erroneamente como sugeridos pelo mistério científico a confirmar a sua teoria segundo a qual «o horror repugnante do início deixou de interessar o artista cada vez mais intelectual que se desenvolvia em Fernando Pessoa, dando maior lugar ao valor do raciocínio sobre crimes que não chegam a atentar contra as leis naturais (...)»<sup>9</sup>. Na realidade, tal evolução não se verificou, sendo os contos de horror e os policiais contemporâneos, e tudo indica que Pessoa passava com facilidade e profissionalidade de um género ao outro. A questão deve ser posta noutros termos: porque é que o autor esquece e deixa definitivamente de lado um conto, provavelmente o único, completo, *A Very Original Dinner*, conto de «horror», enquanto continua a escrever narrativa policial e possivelmente recupera, em 1935, alguns dos textos deste género escritos na adolescência? A resposta a esta pergunta está, verosimilmente, no facto de enquanto o género policial era ainda viável e actual, a despeito da primitiva opinião de Pessoa em 1910, a ficção de «Horror», nos moldes dos contos de Poe, estava já definitivamente ultrapassada.

Os textos desta primeira fase foram redigidos em inglês, e é óbvio que tal como para as primeiras experiências poéticas, também para a prosa, nas suas diferentes modalidades, tenha sido o inglês a língua preferida, dado que «os modelos e exemplos lhes vinham da literatura inglesa»<sup>10</sup>, neste caso, tratava-se, entre outros, dos contos de Poe e dos romances e novelas de Conan Doyle, Arthur Morrison e Wilkie Collins. Por isso, independentemente da intenção do autor querer ou não publicar estas narrativas (embora a frase das *Personal Notes* pareça indicar que este era o seu desejo), é perfeitamente correcto, neste caso, relacioná-las directamente com a literatura policial anglo-saxónica da altura, a fim de detectar as eventuais diferenças e inovações e colocá-las no âmbito da evolução da ficção portuguesa. Tal coisa foi feita no que diz respeito às novelas da segunda fase, as do dr. Quaresma, por F. Luso Soares, que lhes reconhece um papel inovador por elas, na esteira da obra de Chesterton, que «superou a arbitrariedade psicológica»<sup>11</sup>, aprofundarem a análise psicológica do criminoso com base na criminologia. Segundo este estudioso, aliás, «a literatura policial deve (a Fernando Pessoa) a marcação de um cunho verdadeiramente intelectualista»<sup>12</sup>. Esta primeira fase acaba, como se assinalou, aproximadamente em 1910 e à razão aduzida por Pessoa, *The decay of the detective Novel*, pode-se sem dúvida acrescentar aquela incapacidade de concluir os numerosos projectos começados, que ele próprio reconhece como sua característica neste período: *My writings were none of them finished; new thoughts intruded ever, extraordinary, inextinguishable association of ideas bearing infinity for term*<sup>13</sup>.



Júlio Pomar: acrílico com colagem-1985

Pode considerar-se como segunda fase, à falta de dados mais completos, a do último ano, quando, segundo informam as cartas a Casais Monteiro de 13-1-1935 e de 20-1-1935, o poeta tentou escrever pelo menos duas novelas, como se depreende por uma frase da segunda carta, «uma novela policiária (que estou escrevendo e não é aquela a que me referi na carta anterior)»<sup>14</sup>. Repare-se, todavia, que num projecto de obras em português datado de 12-1-1914, e que se encontra reproduzido na *Fotobiografia* organizada por Maria José Lancastre, a página 151, já aparece o título «Quaresma, decifrador», o que leva a crer que já nessa altura Pessoa projectou uma série de novelas, e possivelmente esboçou alguns trechos. De resto os textos recolhidos por F. Luso Soares não são datados e, portanto, permanece aberta a hipótese de o escritor recuperar em 1935 projectos e textos já antigos. As características salientes desta segunda fase, que compreende os contos cujo protagonista é o dr. Quaresma como «O caso Vargas», «A janela estreita», «A carta mágica» etc., são sem dúvida o uso da língua portuguesa e a ambienta-

ção nacional das histórias. A abordagem desta segunda fase tem de ser feita a partir da situação da literatura policial portuguesa na altura, porque ao contrário da anterior fase, aqui Pessoa é um autor português. Por isso, permanecendo válida, como é óbvio, a comparação com os clássicos do género e a inserção das tentativas pessoanas no âmbito mais amplo da evolução deste, é imprescindível uma recolocação no âmbito nacional. E evidente, pela importância dada à «detection», ao raciocínio, o avanço das novelas pessoanas em relação à produção nacional desse período ainda profundamente marcada pelo modelo narrativo do folhetim, com características como a prevalência da intriga, o amontoar-se de acontecimentos surpreendentes, a recuperação de elementos da literatura negra, e com a apresentação daquele tipo de detectives, verdadeiros super-homens, dotados de excepcional perspicácia, espreiteza, força e habilidade nos disfarces, típicos da fase intermédia entre o folhetim e o romance policial clássico. A ideia que se fazia na altura desse género era, sem dúvida, bem diferente da de hoje e o confirma o

facto de três novelas «policiais», de Reinaldo Ferreira, o Repórter X, terem sido reeditadas numa colecção de narrativas fantásticas<sup>15</sup>, onde não destoam de modo nenhum, e não há dúvida que a maior parte dos contos e novelas deste autor, tido então como máximo expoente da ficção policial, podem ser mais acertadamente rotuladas de «estranhas», de «fantástico explicado». O avanço de Fernando Pessoa deve-se ao seu conhecimento da língua inglesa que lhe permitia estar em contacto com uma literatura em que a distinção entre «mystery story, crime story» e «detective story», distinção que em Portugal se torna bem clara só a partir da segunda metade da década de 40, era corrente já no princípio do século. Além disso os autores portugueses como Reinaldo Ferreira, Mário Domingues, Américo Faria etc., foram profundamente influenciados pela leitura juvenil das numerosas contrafacções das aventuras de Sherlock Holmes, que a Tipografia Lusitana Editora publicava quinzenalmente por volta de 1910, que, além de substituir o dr. Watson pelo mais atlético Harry Taxon, pouco tinham a ver com a estrutura-

narrativa dos textos genuínos de Conan Doyle.

Considerando esta segunda fase como autenticamente portuguesa, e vendo-a à luz da história deste género na sua especificidade nacional, torna-se imprescindível a análise de todos os fragmentos existentes das novelas por uma razão clara: é notória a dificuldade com que este tipo de narrativa se defronta para se afirmar, na sua qualidade de literatura de evasão, de consumo, nos países onde foi importada. Com efeito, um romance policial, pelas suas características intrínsecas, acaba sempre por dar uma imagem da realidade do lugar em que se desenrola, facto que pode dificultar o «pacto narrativo», que permite a «suspension of disbelief» e a participação completa e a problemática do leitor, no momento em que essa imagem choca com aquela que os leitores têm do mesmo lugar, provocando a crítica de inverosimilhança. Por essa razão, uma leitura dos fragmentos ainda inéditos poderia mostrar qual a representação do País que transparece destas novelas, através, por exemplo, de eventuais referências à realidade social, do tipo de crimes apresentados, da imagem dada da autoridade oficial etc....

Essa leitura, aliás, podia também permitir uma mais precisa avaliação dos dotes de narrador do poeta.

É um estudo a fazer, que necessita de uma ulterior investigação e de uma recolha de textos o mais ampla possível, cujo lema deveria ser: «Não é possível compreender-se aquilo que se não toma a sério (...) é (...) indispensável tomarmos a sério, criticamente, aquilo que Pessoa assim tomava.»<sup>16</sup>

## NOTAS:

- 1 Sobre a ficção policial pessoana veja-se: Fernando Luso Soares, *A Novela Policial - Dedutiva em Fernando Pessoa*, Lisboa, Diábril, 1976; Frederick C. Hesse Garcia, «A ficção policial de Fernando Pessoa: uma interpretação», in *Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Ed. Centro de Estudos Pessoaanos, 1985, pp.193-205; Ettore Finazzi Aggrò, *O Conto Im-Possível-Considerações sobre a Novelistica de Fernando Pessoa*, in «*Cadernos de Literatura*», 21, 1985, pp. 12-22; A. de Pina Coelho, *Algumas Peças de Ficção ainda inéditas de Fernando Pessoa*, in «*Brotheria*», vol. 83, 10, 1966, pp. 332-43; António Quadras, *Fernando Pessoa-Iniciação Global à Obra*, Lisboa, Arcádia, 1982, pp. 136-44; João Gaspar Simões, *Heteropsicografia de Fernando Pessoa*, Porto, Inova, 1973, pp. 313-17;
- 2 A. de Pina Coelho, *art. cit.*, p. 336.
- 3 Cf. o interessante estudo de Emir Rodríguez Monegal, «Jorge Luis Borges, o autor de Fernando Pessoa», in *Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Ed. Centro de Estudos Pessoaanos, 1985, pp. 397-406.
- 4 A. de Pina Coelho, *art. cit.*, p. 334.
- 5 Fernando Pessoa, *Escritos Íntimos-Cartas e Páginas Autobiográficas*, Lisboa, Europa-América, 1986, p. 225.
- 6 *Idem*, p. 27.
- 7 Cf. H. D. Jennings, *Os Dois Exilios-Fernando Pessoa na África do Sul*, Porto, Ed. Centro de Estudos Pessoaanos, 1984, pp. 85-86; e B. Badiáa Baker, *Fernando Pessoa and Edgar Allan Poe-Fernando Pessoa and Walt Whitman*, separata de «*Arquivos do Centro Cultural Português*», 15, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, pp. 252-55.
- 8 H. D. Jennings, *op.cit.*, p. 86.
- 9 Maria Leonor Machado de Sousa, «Fernando Pessoa e a Literatura de Ficção», in *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Brasília Editora, 1979, p. 544. Cf. também o livro da mesma autora, *Fernando Pessoa e a Literatura de Ficção*, Lisboa, Novaera, 1978, p. 123: «*A Very Original Dinner* é uma primeira tentativa de novela de mistério que viria a evoluir para a novela policial».
- 10 Jorge de Sena, *Fernando Pessoa & Cª Heteronímia*, Lisboa, Edições 70, 1982, II Vol., p. 86.
- 11 Fernando Luso Soares, *Depoimento e Tese sobre a Ficção Policial*, in «*Investigação*», 8, 1953, p. 57.
- 12 Fernando Luso Soares, *A Ficção Policial-Depoimento e Tese*, Lisboa, 1954, in «*Nota Preliminar*».
- 13 Fernando Pessoa, *op.cit.*, p. 25.
- 14 *Idem*, p. 233.
- 15 Trata-se da «*Colecção Fantástica*», da Rólim: Repórter X, O Homem Que Perdeu o Cérebro, Lisboa, Rólim, 1987.
- 16 Jorge de Sena, *op.cit.*, Lisboa, Edições 70, 1982, 1.º vol., p. 174.